

# Renda per capita cresceu 6,3% no Real

A economia brasileira cresceu 7,81% nos 12 primeiros meses do Plano Real, o que representa um aumento da renda per capita de 6,3%, informou ontem o Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística (IBGE). No segundo trimestre deste ano, entretanto, o Produto Interno Bruto — soma de bens e serviços produzidos pelo país — caiu fortemente (-3,9%), em seu pior resultado desde o primeiro trimestre de 1991 (-4,87%). E a primeira redução

de atividade no Real. Com isso, caem também as projeções de crescimento da economia no ano: cálculos dos técnicos do IBGE apontam para expansão de 5% do PIB, abaixo dos 6% que estavam sendo previstos por outros institutos.

Não há valores divulgados para 1995, mas com o desempenho da economia no primeiro ano do Real a renda per capita atual (faria que caberia a cada brasileiro se a divisão fosse perfeita) supe-

ra os US\$ 3.455 de 1994. Assim como o PIB supera os US\$ 531 bilhões de 94. Numa comparação com anos civis (janeiro a dezembro), a expansão de 7,81% do PIB é a maior desde 1985 (7,9%). Quanto ao crescimento da renda per capita, desde os anos 70 não se vê nada parecido: ele é superior ao de 1986 (quando o Cruzeiro fez a taxa crescer 4,94%).

— Esse resultado é excepcional — diz o coordenador do De-

partamento de Contas Nacionais do IBGE, Almir Cronemberger. A queda do PIB no segundo trimestre foi além do esperado. Cronemberger atribui a surpresa ao forte aperto monetário (juros altos e crédito restrito) adotado pelo Governo para conter o consumo (que estimulava aumento de preços e de importações). Mas a greve na Petrobras também ajudou a empurrar a taxa para baixo. A redução veio principalmente da indústria (-

7,51%), mas também foi observada no setor de serviços (-1,24%) e na agropecuária (-1,61%).

Cuárias se mantendo estáveis. Quanto ao crescimento no Real, destaca-se que, dos 12 setores pesquisados, seis foram responsáveis por 90% da taxa de 7,81%. São eles: comunicações (19,65%), comércio (13,22%), indústria (10,66%), construção (9,50%), produção animal (7,91%) e lavoras (5,89%). A única queda é a de instituições financeiras (-4,83%), explicada por demissões (o indicador, neste segmento, é o número de funcionários).